

# PSB transita à direita pela 1ª vez desde sua fundação, há 67 anos

Aliança firmada com o PSDB na esfera federal divide opiniões no partido, que excluiu opositores da Executiva nacional

**João Domingos** / BRASÍLIA

Sem Eduardo Campos, morto em agosto quando conduzia um partido em ascensão nos últimos anos, o PSB ensaia agora pela primeira vez uma trajetória à direita do espectro político desde sua fundação em 1947. A legenda, que desde a redemocratização viveu sob a órbita do PT, a quem apoiou em cinco das seis últimas eleições presidenciais e integrou sua base aliada em 11 dos 12 últimos, se apresenta pela primeira vez como aliado do PSDB.

Nesta semana, com ampla maioria, o partido decidiu apoiar no 2.º turno o candidato Aécio Neves (PSDB) contra a presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT). Foram 21 votos pró-tucano, 7 pela neutralidade e um pró-Dilma. Depois, articulou sua sucessão interna de modo que os que se posicionaram contra o apoio ao tucano ficassem excluídos da Executiva nacional.

## ● Pontos de vista “É um erro histórico”

**Roberto Amaral**

PRESIDENTE INTERINO E LÍDER  
HISTÓRICO DO PSB SOBRE O RISCO  
DE O PARTIDO FICAR REFÉM DO PSDB

**“A aliança (com o PSDB) não é para tornar o PSB submisso, porque isso não aceitaremos”**

**Júlio Delgado**

PRESIDENTE DO PSB EM MINAS GERAIS

De quebra, iniciou conversas com tucanos para ser braço de apoio ao PSDB em uma eventual base aliada de Aécio; ou uma oposição a Dilma, se ela for reeleita.

Um dos que lideraram o partido neste movimento, o presidente do PSB em Minas Gerais, deputado Júlio Delgado, diz que a mudança é um momento histórico. “Nunca antes havíamos ficado com o PSDB contra o PT”, disse, ressaltando não se tratar de submissão aos tucanos. “O Aécio disse muito claramente que a aliança não é para tornar o PSB submisso, porque isso não aceitaremos. Nós o apoiamos no 2.º turno porque ele representa a possibilidade de mudança, o que era defendido por Eduardo Campos.”

O próximo presidente do partido, Carlos Siqueira, que coordenou a campanha de Campos até a sua morte em 13 de agosto, diz que a legenda continuará a perseguir o socialismo. “Eventual apoio ao PSDB não passa de um

eventual apoio, como apoios já foram firmados antes com o PT.”

Campos fazia um jogo político – e assim fez o partido crescer – situando-se em âmbito nacional com o PT e liberando a sigla para apoiar o PSDB ou quem estivesse no poder em nível regional. Essa fórmula se rompeu depois que ele decidiu se candidatar a presidente. O partido se viu sem um líder capaz de manter esse jogo.

Para o presidente interino do PSB e líder histórico do partido, Roberto Amaral, o desafio sem Campos é muito grande. Ele atribui o problema a uma característica brasileira, em que os partidos quase sempre dependem de uma grande liderança. “A péssima tradição brasileira é que todo partido tem de ter uma liderança messiânica. Foi assim com Miguel Arraes e Eduardo Campos. E não é nenhuma novidade dizer que Lula é maior que o PT.” Ele teme que o PSB seja refém dos tucanos. “Por isso, propus que o partido ficasse neutro no 2.º turno. Em vez disso, estamos querendo ressaltar nossa aproximação com o PSDB. É um erro histórico.”

Para a deputada Luíza Erundina, ligada à ala esquerda do partido, o PSB precisa encontrar a forma de sobreviver sem Campos, sem cair nas amarras do PSDB. “Temos legado, história e construção coletiva. Temos experiência de gestão. Esse é o nosso desafio, sobreviver no campo socialista no qual estamos há mais de 70 anos. A trágica morte de Campos nos traz essa responsabilidade.”